

O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Francisca Jacira Freire de Sousa Siqueira¹, Evaldo Carlos de Oliveira Cardoso², Ana Cristina Gobbo César¹

¹UNITAU, Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, Av. Tiradentes 500 Taubaté-SP; jacirasiqueira2009@hotmail.com.br

²FACINTER, Especialista em Língua Portuguesa e Inglesa, evaldo.filosofia@hotmail.com

Resumo- Neste estudo foram realizadas reflexões sobre a importância da História local para o ensino de História, uma vez que os livros didáticos, que constituem a primeira ferramenta de trabalho do professor, têm negligenciado este aspecto dos estudos em História, cabendo aos docentes a tarefa de preencher esta lacuna, investindo na pesquisa local com seus alunos. O trabalho em questão nasceu de estudos bibliográficos e de uma pesquisa *in loco*, realizada nas escolas C. E. Dr. Otávio Vieira Passos e C. E. Dr. Paulo Ramos, ambas as instituições de ensino da rede estadual do município de Chapadinha – Maranhão. Foram realizadas observações e entrevistas com professores e alunos acerca da História local, o que proporcionou refletir-se sobre a História, num âmbito geral, e sobre o ensino desta área do conhecimento tão necessária para a construção da cidadania.

Palavras-chave: História local. Ensino. Identidade. Construção da cidadania.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Ensinar História local não tem sido uma tarefa muito fácil para os professores, principalmente considerando-se que os livros de História não a contemplam, e se fazem menção aos aspectos locais, o fazem de maneira quase sempre reduzida, ínfima e negligenciada.

Assim, o objetivo deste artigo foi trazer a História local para reflexão, a fim de proporcionar um novo olhar sobre ela. A História local tem sido deixada de lado pelos autores de livros didáticos ou mesmo pelos professores que a desconsideram, atendo-se muitas vezes aos velhos conteúdos clichês em nome de concursos, vestibulares, etc. Em outras palavras, os docentes têm promovido um ensino meramente livresco.

Trata-se de um estudo relevante para o processo ensino-aprendizagem em História, pois como conceber que os alunos conheçam a História Geral e desconheçam a sua própria História? Como aceitar que estrangeiros: religiosos, turistas, etc. conheçam mais sobre as peculiaridades da História do Brasil, como os aspectos culturais, por exemplo, que os alunos que são nativos do país desconhecem?

Parece haver uma inversão de valores que precisa ser repensada pelos professores e pelo próprio sistema educacional brasileiro, buscando redimensionar a estrutura curricular de História, a fim de que não seja colocada em segundo plano a História local.

Ao longo do tempo, o ensino de História tem passado por muitas transformações, entretanto, pode-se perceber que ainda há muito conservadorismo quando se trata da forma de ensinar História na Educação Básica. Para muitos, História não passa de uma matéria decorativa; para outros, ela pode ser muito importante.

De acordo com Vasconcelos (2007), a História, como uma área de conhecimento, sempre existiu. Por isso, existe uma busca incessante sobre o passado dos povos os quais descobrem que, da mesma forma que o passado de uma pessoa é importante para que ela conheça sua própria identidade, também os vários povos da Terra buscam narrativas acerca do seu passado, já que as comunidades humanas também possuem identidade. Uma pessoa se reconhece como brasileira, por exemplo, porque o Brasil tem um passado que a ajuda a compreender nossa identidade coletiva.

Para entender essa identidade coletiva, faz-se necessário um olhar atento para as várias facetas da coletividade, levando em conta a mistura de culturas que compõem o povo brasileiro, cuja construção ideológica e conceitos são baseados na cultura européia. A cultura do negro e, sobretudo, do indígena não possui o mesmo destaque, pois tem havido um desprezo de parte da composição cultural do povo brasileiro, renegando-se muitas vezes sua situação mestiça do povo brasileiro.

Outro aspecto é a questão da escolha dos conteúdos escolares. A maioria dos professores tem o livro didático como o único instrumento de trabalho e este, por sua vez, nem sempre contemplam a História local, o que faz com que o ensino de História fique restrito, reduzindo-se a um caráter livresco.

Entretanto, se há força de vontade por parte dos docentes de História, o campo de estudo é bem vasto, e a História local pode ser incluída no currículo, bastando haver pesquisa e planejamento, o que se constitui um desafio para os professores.

Metodologia

Local de estudo

O presente artigo trata de aspectos envolvidos no ensino de História tendo como foco o município de Chapadinha. Para tanto, antes de adentrar-se no estudo propriamente dito, apresenta-se, de forma concisa, a história desse município.

Chapadinha é um município do Estado do Maranhão, localizado na região dos cerrados do nordeste maranhense, especificamente na microrregião do Alto Munim, com um índice populacional de 71.018 habitantes. A economia gira em torno do comércio, da agricultura familiar, do babaçu e do funcionalismo público; A cultura configura-se basicamente das festas religiosas como: festejos católicos, terreiro de candomblé, festas juninas, forró, capoeira, bumba-meu-boi; na alimentação: arroz com feijão, milho, mandioca, galinha caipira e peixe de água doce.

Uma pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas com professores de História e alunos da rede estadual de ensino do município de Chapadinha-MA, precisamente os do CE Dr. Otávio Vieira Passos e CE Dr. Paulo Ramos. Foi realizada uma articulação entre as respostas destes e os pensamentos dos teóricos que versam sobre a temática em questão.

Método

O método de pesquisa utilizado neste trabalho foi o bibliográfico e a pesquisa de campo e/ou descritiva. Sobre o primeiro, Rampazzo (2005) diz ser indispensável para qualquer tipo de pesquisa e procura fazer a explicação de um problema a partir de referências teóricas publicadas em livros, revistas, etc; quando ao segundo método adotado, este possibilita um estudo dos fatos sem a interferência do pesquisador, proporcionando a naturalidade e a espontaneidade (KÖCHE, 2010). Nesse último caso, optou-se pela entrevista e a observação.

Resultados

A partir das pesquisas realizadas nas escolas supramencionadas neste trabalho, além dos estudos teóricos, constatou-se que ensinar História é tem sido visto pelos professores como uma tarefa árdua. Pode-se dizer que é, no momento, um grande desafio. Em sala de aula, percebe-se uma mentalidade avessa à disciplina de tal forma que desestimula até os professores mais idealistas. A falta de credibilidade em relação à disciplina chega a um ponto em que alunos passam a acreditar que os professores os passarão de ano de qualquer jeito. Isso significa que para muitos, um aluno bom não é aquele que tem proficiência em História, que costuma ser colocada em segundo plano, mas sim aquele aluno que apresentar muitos conhecimentos em Matemática, Português, Química, Biologia, Física, por exemplo. As ciências humanas, as artes são consideradas disciplinas “fáceis”.

Há certo descaso em relação à História dos heróis, das famílias tradicionais da cidade, à história política, dos homens importantes, e também em relação à História da economia, em que geralmente só são citadas as grandes produções como, por exemplo, o agronegócio, deixando de lado a história de muita gente, a história do povo, que trabalha incessantemente para sustentar a o país.

Nas escolas do município de Chapadinha-MA, os conteúdos trabalhados restringem-se a documentos oficiais e uma literatura que contempla a história social, enaltecendo principalmente as famílias tradicionais da cidade. Assim, os alunos das escolas públicas, os quais não fazem parte desses grupos, sentem-se excluídos da História, conseqüentemente, não vendo um sentido para as suas vidas no estudo dessa disciplina.

Discussão

Pode-se notar que o livro didático ainda é praticamente a única ferramenta pedagógica, sendo, portanto, insuficiente. De acordo com Chaves e Vasconcelos (2008) usar o livro e o texto em sala de aula pode implica em desvantagens, como: manipulação ideológica, desenvolvimento de habilidades puramente mecânicas, comodismo por parte de professores e alunos na busca de informação, podendo assim, alienar-se com base em um mundo estranho à sua realidade. Os livros didáticos são contextualizados nas regiões sul e sudeste, trazendo conseqüências graves para a aprendizagem de alunos de outras regiões do país, como, por exemplo, os nordestinos. Para eles, a História perde seu significado quando não menciona sua

realidade. O Nordeste, quando aparece nos livros didáticos, é visto, em muitos casos, pejorativamente: terra seca, calangos e cactos. Nas ilustrações humanas, geralmente aparecem pessoas com aparência muito sofrida. Omite-se, portanto, informações sobre as riquezas da região.

O que fazer, então, para mudar essa mentalidade e levar as pessoas, sobretudo os alunos, a quererem estudar História? O desafio consiste em superar o formalismo e o reducionismo e na ênfase da articulação, que tenta trabalhar dialeticamente os diferentes estruturantes do método didático, considerando cada um deles, suas inter-relações com os demais, sem querer negar nenhum deles. (CANDAUI apud MELO; URBANETZ, 2008)

Percebe-se ainda que falta uma reflexão, partindo da necessidade de relacionar os saberes didáticos como um conjunto de elementos. Falta considerar a realidade do aluno, estabelecer objetivos e buscar conteúdos que venham, através de uma metodologia dinâmica, de forma articulada, colocar em sintonia o geral e o particular.

Para isso, seria importante se as aulas não fossem restritas aos livros didáticos, que os professores procurassem despertar de uma maneira mais dinâmica o interesse dos alunos. (GARRETO, 2010). Para Silva (2010), nós precisamos aplicar o nosso conhecimento em prática de maneira agradável e saudável, e seria muito bom se tivéssemos aulas fora de sala, experimentos. Percebe-se, então, a necessidade de inovar, fazer uma pesquisa, levar o aluno a conhecer melhor o lugar onde vive, para conhecer o objeto de pesquisa, investigar, experimentar a realidade dele de forma palpável, e, por consequência, experimentar a beleza da natureza ou a crueldade imposta pelos homens.

Portanto, a pesquisa de campo surge como a principal forma de construção da história local. Para tanto, deve-se envolver a escola como um todo, fazendo com que o aluno sinta-se importante e venha a ter prazer em estudar. Logo, o professor(a) deve elaborar projetos que venham contemplar a necessidade desses sujeitos. Surge então uma interrogação: De quem essa responsabilidade?

Conforme Orientações Curriculares para o Ensino Médio, é tarefa do professor a elaboração dos programas e a seleção dos conteúdos para sua prática em sala de aula. (BRASIL, 2006).

Dessa forma, o professor está com o poder nas mãos. Mas realizar um trabalho voltado à construção da cidadania, dando muita ênfase ao contexto do aluno, como fica a questão dos programas, como vestibular, por exemplo? Atualmente, o aluno, sobretudo do Ensino Médio, precisa dedicar seus estudos tão somente para o

vestibular ou Enem o que não contempla os saberes locais.

Parece fácil quando se coloca a responsabilidade apenas nas mãos dos professores. Para Andrade (2011) quando o professor quer fazer diferente, inovar, é interpretado como enrolado pelos próprios colegas, principalmente os de outras disciplinas, que acham perda de tempo. Nota-se que no ambiente de trabalho não há consenso entre profissionais. Isso também torna difícil a organização dos trabalhos, pois sem a colaboração dos colegas os projetos não andam.

Ao do ensino de História local como propiciador da construção da cidadania exige, antes, um entendimento do que significa ser cidadão. De acordo com o Dicionário Aurélio, é o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. Percebe-se então que para ser um cidadão, não é preciso apenas ser registrado em um cartório, ou aprender ler e escrever. É necessário, portanto, conhecer os direitos políticos e participar das decisões políticas de sua comunidade e, podendo ampliar esse conhecimento para participar ativamente nas decisões políticas de seu país.

Esse conceito vem fundir-se com a questão dos sujeitos históricos. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais, de maneira geral, pode-se afirmar que os sujeitos históricos são indivíduos, grupos ou classes sociais que participam de acontecimentos que repercutem na coletividade ou estão imersos nas situações do cotidiano. (BRASIL, 1998)

Portanto, vale à pena indagar sobre quem são esses sujeitos históricos, já que para isso faz-se necessário que sejam pessoas ativas e que estejam inseridas em grupos ou classes sociais. A maioria não possui cidadania, já que para essa a participação política é limitada ao voto. Como o ensino de História pode ajudar nessas transformações?

Não basta simplesmente narrar a história da cidade, mas aprofundar os estudos, fazendo com que esse cotidiano seja visto como algo significativo, fazendo com que o aluno sinta-se de fato sujeito de sua própria história. É preciso ainda entender que o aluno, como um ser social, merece respeito e que os fatos políticos, tanto do passado quanto presente estão intimamente ligados à sua situação, seja ela de desenvolvimento ou de subdesenvolvimento. Deve-se instigar o aluno a refletir eticamente sobre a sua posição como ser social e político, que pode e deve intervir para mudar a sua condição, tornado-se sujeito ativo, dono do seu próprio destino. Para Hobart (apud MACEDO, 1997), no momento que cada projeto de desenvolvimento de tipo ocidental faz um esforço para mostrar a inferioridade da cultura local, nenhum deles favorece a fantasia romântica

do desejo de um retorno para a sabedoria nativa misteriosamente em contato com a natureza. Assim, há uma dificuldade em tratar a cultura local de maneira séria, respeitando a sua contribuição potencial para a melhoria da vida material, intelectual dos povos e do seu bem-estar geral.

Os projetos escolares raramente contemplam os saberes locais. A herança cultural do nativo está sendo cada dia mais desprezada, dando lugar a outras culturas privilegiadas. Dessa forma, pode-se perceber que em um mundo dominado pelo capital globalizado, considerando-se a presença da mídia, que age com força total de forma contrária à difusão cultural minoritária, torna-se pouco provável manter a cultura de pequenos grupos de pé. A força da mídia com seus ditames sobre padrões de beleza, línguas diferentes, a influência dos heróis do cinema é um exemplo de uma força praticamente impossível de deter.

Para Carvalho (2010), a maior dificuldade para lidar com esses problemas é a realidade socioeconômica dos alunos. A condição familiar. A facilidade de acesso exagerado da mídia que traz fatores positivos ou negativos. Uma situação que se confirma em sala de aula, como a questão do acesso exagerado da mídia. Também, observa-se que nas escolas públicas a questão socioeconômica dos alunos é algo que merece uma atenção especial. Quanto aos problemas familiares, nota-se que falta um contato maior da família com a escola.

Assim sendo, vale indagar: Quais são os conteúdos que devem ser trabalhados para despertar o interesse dos alunos? Atualmente se conclui que estudar História, interpretá-la, ensiná-la não é fácil como antes parecia, ou seja, como um mero instrumento de propaganda ideológica ou revolução. (PINSKY, 2003)

O ensino da História do Brasil tem deixado de lado uma parte importante, principalmente, quando esquecemos a questão local, a qual se refere ao cotidiano do aluno. Portanto exige uma reflexão sobre as dificuldades que, para Carvalho (2010), O professor se amarra em alguns pontos negativos como: a falta de compreensão, por falta de recursos escolares e também a falta de compreensão da diretoria que às vezes não leva a sério. Também para Moura, (2010) os maiores desafios [...] estão principalmente nos interesse dos alunos de estarem contextualizando passado/presente, como também a falta do uso das tecnologias que é necessário para uma aula menos enfadonha e mais dinâmica. Há realmente um certo comodismo por parte de muitos professores, mas há também muitos professores sonhadores que tentam levar adiante seus projetos.

A preocupação quanto aos projetos e recursos aplicados à educação, demonstra a realidade das escolas brasileiras, sobretudo as escolas pesquisadas em de Chapadinha.

O uso das tecnologias é hoje uma preocupação constante, pois sem elas fica difícil fazer uma pesquisa de campo. Necessita-se, portanto, de vários componentes, tais como: gravador de áudio, câmera fotográfica, computador, Data Show ou TV. Mas qual o papel do professor ante a essa forma de trabalhar os conteúdos de História?

Para Moran (1995) o professor agora é um no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, pesquisar, buscar a informação mais relevante. Ou também é o coordenador do processo de apresentação dos resultados pelos alunos. A partir daí, promove o questionamento de alguns dos dados apresentados, contextualizando os resultados e adaptando-os à realidade dos alunos. Logo, promove a transformação da informação em conhecimento e deste em saber.

A falta de recursos é visível. A maioria dos alunos entrevistados mencionou a pesquisa de campo como uma forma de conhecer a História de Chapadinha. Assim, a pesquisa vem a ser a forma mais viável de levar o aluno a conhecer a sua própria história. Para isso, considera-se relevante uma investigação onde possa encontrar uma resposta sobre “quem perdeu”, levando em conta que nesse momento o que interessa é buscar uma saída, mas não se trata de apenas constatar o já conhecido. Significa também lançar um novo olhar sobre o cotidiano, assumir, junto com os alunos, uma postura de estranhamento (MOREIRA, 2007).

Paulo Freire (1996) confirma tudo isso ao falar sobre as questões políticas ideológicas de um tal descaso dos dominantes. Exploradores os quais vem perpetuando desde a colonização do Brasil uma mentalidade fundamentada na cultura européia, tornando assim a idéia de inferioridade tudo que se apresenta contrário à mesma.

Como agentes potenciais que conhecem o seu meio, não se deixar dominar por aqueles que chegam com jeito de bonzinho, com propostas tentadoras, tentando enrolar, não se deixar levar por qualquer proposta. Acredita-se que aquele que mantém um relacionamento com o seu meio, ama e preserva sua cultura dificilmente se perde, evitando, portanto, qualquer coisa que venha de fora.

Diante de tudo isso, observa-se o cuidado, por parte da cultura dominante, de manter os povos dominados sob seu controle. Os dominadores são capazes de cometer atos ardilosos, pondo uns contra os outros. Para isso, torna-se necessário que o ensino o ensino da História local seja trabalhado, a fim de que os alunos passem sentir orgulho de suas origens e passem a gostar do que realmente são.

Se por conhecer nosso passado é que sabemos quem somos no presente, como então, iremos saber quem somos, se nossa própria história é negada a nós? Como podemos agir então naquilo que não conhecemos? Diante dessa situação a saída é como propõe Freire (1996), por que não discutir as implicações políticas ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade?

Trata-se da pesquisa de campo, que possibilita trabalhar direto com o objeto da pesquisa, podendo, portanto, evocar o sentimento mais profundo do aluno, em que o mesmo possa se indignar frente à situação presente. Ao se reconhecer como sujeito da realidade presente, o aluno pode sentir-se responsável e sentir que precisa mudar a realidade em questão.

Mais uma vez percebe-se a importância da construção da identidade para fortalecer o elo entre as pessoas que defendem sua cultura, conhecem o potencial do seu meio, têm a consciência de sua identidade, preservam seus valores. Estas dificilmente se deixam levar pela lábria de quem quer que seja. São capazes de tomar decisões e “agir no mundo”, porque acreditam que é no presente que podem decidir o melhor para si, para que no futuro não tenham que sofrer as consequências de decisões baseadas na ignorância.

Torna-se difícil trabalhar conteúdos de História Local quando o próprio sistema de ensino impõe uma metodologia baseada em conteúdos tendo como base no eurocentrismo.

Nota-se que as escolas enfrentam problemas em relação às metodologias. Os alunos alegam não aguentar mais as insuportáveis aulas expositivas e resumos. Para Costa (2010) as aulas de História deviam ser diferentes, ela diz que, gostaria que fosse mais do que leituras mais dinâmicas e divertidas.

Conclusão

O presente artigo procurou mostrar em suas reflexões o quanto é importante para o professor de História trabalhar com seus alunos a história local, independentemente de esta ser mencionada ou não nos livros didáticos. Destacou-se o papel preponderante do docente, que deve promover em suas aulas, seja por meio de projetos de pesquisa, seja por qualquer outra metodologia, a articulação entre a história global e a história local.

Diante dos depoimentos de professores e alunos, pôde-se perceber que grande parte do desinteresse destes pelas aulas de História deve-se ao fato de que se criou ao longo dos tempos um estereótipo sobre essa disciplina, colocando-a num rol de disciplinas “decorativas”, ou seja, que podem ser aprendidas simplesmente pela

memorização mecânica. Por outro lado, disciplinas como Matemática, Física, Química, dentre outras, fora do ciclo das ciências humanas, são priorizadas pelos alunos, por considerarem que estas são “difíceis”. Puro senso comum, mas que ainda persiste na mente de muitos alunos e professores.

Nesse aspecto, vale até a velha máxima de Sócrates, “Conhece-te a ti mesmo”, em outras palavras, conhece a tua própria história, ela é tua identidade. Isto não restringe, contudo, o ensino da História ao âmbito local. Trata-se de devolver aos alunos os conteúdos esquecidos pelos autores dos livros didáticos, de fazer com que, conhecendo a própria história, valorizem-se mais como sujeitos desta.

Referências

ANDRADE, Joana Neuman Vale de. Entrevista concedida a **Maria dos Santos Viana Caldas**. Em 25 de mai. 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC /SEF, 1998. p 39.

_____. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CARVALHO, Helton Carlos Costa. Entrevista concedida a **Maria dos Santos Viana Caldas**. Chapadinho. 14 de abril de 2011.

CARVALHO, Edilaine Rodrigues V. de. Entrevista concedida a **Maria dos Santos Viana Caldas**. Chapadinho. 14 de dezembro de 2010.

CHAVES, Edilson Aparecido. VASCONCELOS, José Antonio. **Contextualização do ensino de História e Geografia**. Curso de Especialização do ensino de História e Geografia. Curitiba, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12. 7ª edição, revista e atualizada**. 2004.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. Paz e Terra, 1996.

GARRETO, Francisca Gyslane de Sousa. Questionário respondido. Em 17/12/2010.
MELO, A. **Fundamentos de didática**. Curitiba: IBPEX, 2008

MORAN, M. J. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo**. Publicado na revista

Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, Volume. 23, n.126, setembro-outubro 1995. disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm>. [s.d].

MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de História.** Curitiba: IBPEX, 2007.

MOURA, Cátia Renata Viana. Entrevista concedida a **Maria dos Santos Viana Caldas.** Chapadinha 10 dez. 2010.

PINSKY, 2003 Jaime. **Por uma História prazerosa e conseqüente.** In: KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo. Contexto, 2003.

SILVA, Reginaldo Cristino da. Questionário respondido pelo aluno do 3º ano do Ensino Médio do C.E. Dr. Otávio Vieira Passos. Chapadinha 17/12/2010.

SANTOS, Gisele de Rocio Cordeiro Mugnol. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos.** Curitiba: IBPEX, 2007.

VASCONCELOS, José Antonio. **Metodologia do ensino de história.** Curitiba: IBPEX, 2007.